

PICHAÇÃO E PENDULARIDADE: O CASO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH-MG), BRASIL

Erick Vinicius Pereira Lopes

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial
PUC-Minas como bolsista CAPES, Técnico do Laboratório de Cartografia da PUC Minas.
erick.viniciuspl@gmail.com

RESUMO: As metrópoles e o processo de metropolização são permeados por características que envolvem a integração física e simbólica (material e imaterial), a partir de vias principais. Isto influencia fluxos que envolvem pessoas e aspectos simbólicos/culturais. A pichação, sendo uma subcultura, possibilita entender processos e formas urbanas, tanto pela interpretação de seu conteúdo/relações quanto por sua distribuição geográfica, sendo um produto de agentes que se mesclam com os movimentos pendulares. Deste modo, o objetivo é analisar o deslocamento espacial dos pichadores que operam nos principais corredores de ligação entre Belo Horizonte, Contagem, Ribeirão das Neves, Ibirité e Nova Lima, em Minas Gerais, que foram destacados pela pendularidade. A metodologia, com um padrão de levantamento reticular, foi baseada em coleta primária de dados relacionados a estes principais corredores destacados pela pendularidade e coleta secundária de dados sobre as zonas de estudo da pesquisa Origem-Destino, seus tratamentos e a elaboração de mapas e tabelas. Como um dos maiores atrativos da prática é a visibilidade de praticantes ou do público geral, os pichadores estão presentes de forma significativa e com variadas relações nas vias de maiores integrações e fluxos, seguindo hierarquias, principalmente pendulares. Estas envolvem a grande movimentação do conjunto da população (transeuntes) e dos próprios pichadores, principalmente onde tem-se a maior circulação de transporte coletivo do tipo ônibus, além das áreas com maiores quantidades de funções mistas. Destaca-se, assim, a possibilidade de utilização de um inovador e alternativo indicador de pendularidade: a pichação.

Palavras-chave: Artes/Culturas urbanas. Movimento pendular. Hierarquias.

GRAFFITI AND COMMUTING: THE CASE OF THE METROPOLITAN REGION OF BELO HORIZONTE-MG (RMBH-MG), BRAZIL

ABSTRACT: Metropolises and the process of metropolization are permeated by characteristics that involve physical and symbolic integration (material and immaterial), based on main roads. This influences flows involving people and symbolic/cultural aspects. Graffiti, being a sub-culture, makes it possible to understand urban processes and forms, both through the interpretation of their content/relations and their geographical distribution, being a product of agents that mix with commuting movements. Therefore, the objective is to analyze the spatial displacement of taggers operating in the main corridors connecting Belo Horizonte, Contagem, Ribeirão das Neves, Ibirité and Nova Lima, in Minas Gerais, which were highlighted by commuting. The methodology, with a reticular survey pattern, was based on primary collection of data related to these main corridors highlighted by commuting and secondary collection of data on the study zones of the Origin-Destination research, their treatments and the preparation of maps and tables. As one of the greatest attractions of the practice is the visibility of practitioners or the general public, taggers are present in a significant way and with varied relationships in the paths of greater integrations and flows, following hierarchies, mainly commuting. These involve the great movement of the population as a whole (passers-by) and the taggers themselves, especially where there is the greatest circulation of public transport, such as buses, in addition to areas with greater numbers of mixed functions. Therefore, the possibility of using an innovative and alternative indicator of commuting stands out: graffiti.

Keywords: Urban arts/cultures. Commuting movement. Hierarchies.

1 INTRODUÇÃO

Os municípios estabelecem relações entre si de forma hierárquica e conjuntural, considerando diversas variáveis, como a importância e a influência econômica, cultural e social, que um determinado município exerce sobre os demais (ROMANELLI; ABIKO, 1991). A proeminência dos fluxos e das trocas intra e intermunicipais ou metropolitanos é parte essencial das atividades hodiernas.

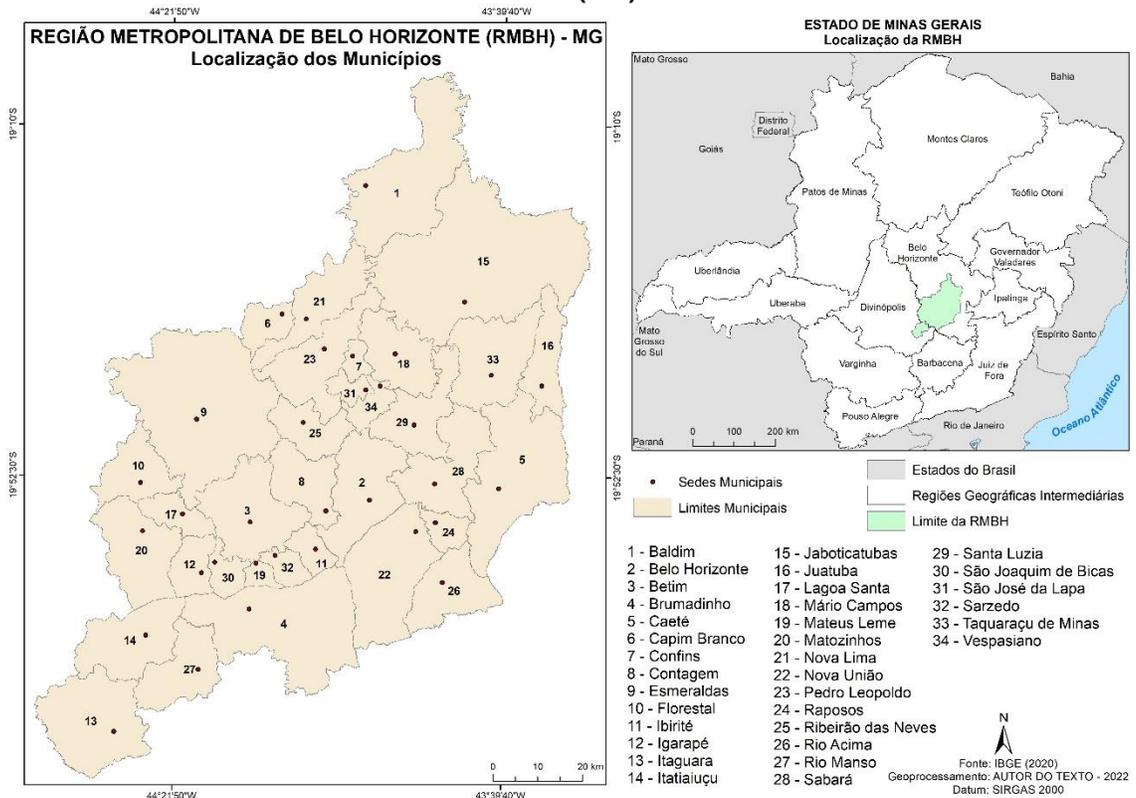
Do ponto de vista metropolitano, as metrópoles e seu processo de metropolização, podem realçar o processo de integração física, econômica e cultural (material e imaterial), de acordo com alguns vetores (ligações principais), que conectam os municípios ali presentes. E como tudo está voltado para a metrópole, sendo o lugar concreto e simbólico de uma hierarquia alta e de um papel central, faz com que as relações do seu entorno sejam acrescidas significativamente em detrimento de áreas mais afastadas do núcleo principal.

Além disto, é facilmente visto nas paisagens sua centralidade e seu papel fomentador de suas adjacências. Assim, “em função dessas características, tudo aquilo que ‘ganha corpo’ na vida metropolitana exprime as relações estabelecidas em todas as suas esferas de vida social e produtiva, convertendo-se em expressão e não em reflexo dessas relações.” (MEYER, 2000, p. 5). Ou seja, o cotidiano será permeado do fator metropolitano.

A posição e o sítio, correlacionados com a localidade, a acessibilidade e a mobilidade, são essenciais nos processos de trocas, tendo em vista que tal característica é expressa em variados tipos de fluxos. Um destes, que vêm destacando-se e ganhando avultosa notoriedade, além de ser um demonstrador do nível de integração municipal, é o movimento pendular. Este se define como os movimentos que as pessoas que moram em um município vão para outro e voltam para o primeiro (geralmente sendo de sua residência), em funções de trabalhar, de estudar, de lazer, de cultura e outros, habitualmente sendo o segundo um município central ou com algum grau de influência/integração (SOUZA, 2015). Estes movimentos envolvem o deslocamento das pessoas no espaço, aos quais também influenciam o deslocamento de aspectos simbólicos, como culturas e/ou manifestações culturais (que os “acompanham”).

Os movimentos, principalmente pendulares, são considerados como parte habitual e necessária da vida metropolitana (MOURA; BRANCO; FIRKOWSKI, 2005). Sendo assim, sua presença nas Regiões Metropolitanas (RMs) pautam algumas tomadas de decisões. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) em Minas Gerais (MG), à qual é de grande destaque para o país (ocupando as primeiras posições no quesito populacional e econômico), evocada aqui como área de estudo específica para uma posterior generalização, não seria diferente (mapa 1).

Mapa 1 – Localização dos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) – Minas Gerais (MG)



Fonte: IBGE (2020).

De acordo com Leiva (2015), o número de movimentos pendulares de 1982 a 2010 cresceu 150% em Belo Horizonte e 70% entre 1992 e 2010 na RMBH, relacionados à infraestrutura e ao aumento populacional. Segundo Souza (2015), ocorre um grande aumento dos movimentos pendulares entre 2000 e 2010 na RMBH devido ao aumento (em quantidade e qualidade) das integrações, dos transportes e das rodovias, e, à desconcentração e à concentração de atividades, de bens, de comércios, de serviços e de habitações, de acordo com algumas características: Belo Horizonte sobressai como o maior receptor de trabalhadores e estudantes; Contagem é a principal origem dos movimentos; mas Ribeirão das Neves é o que possui maior saldo, por não conseguir absorver uma parte (como é o caso de Contagem); Ibirité situa-se na quarta posição; e Nova Lima na quinta. Assim, os municípios supracitados têm importante papel e contribuição nas dinâmicas e nas relações da RMBH e seus contextos (DINIZ; ANDRADE, 2015).

Estas condições podem ser explicadas por causa de seus fatores históricos, políticos, sociais, ambientais e outros. Belo Horizonte é a capital do estado e está atrelada principalmente

à Contagem, que tem seu destaque em indústrias e comércios e serviços (considerada a extensão do polo metropolitano, reflexo da porção oeste da capital). Também tem forte ligação com Ribeirão das Neves, que é um município dormitório (reflexo da porção norte); com Ibirité, por ser semelhante em parte à Contagem (porém em menor nível de integração, reflexo também da porção oeste); e, Nova Lima, que é a área de classes mais altas, luxos e mineração (reflexo da porção sul). Levanta-se que todos estes municípios têm um nível muito alto de integração com a metrópole (DINIZ; ANDRADE, 2015).

Um dos aspectos simbólicos que acompanham os movimentos pendulares e a integração é a pichação. Esta se refere às intervenções de cunho visuais, geralmente não autorizadas, nas partes públicas ou privadas que constituem as cidades. São feitas em grande medida à mão, utilizando diversos materiais, como principalmente o spray aerossol (chamado apenas de spray ou *jet – jato*), rolo de tinta (rolinho), canetão e *stencil*¹ (FILARDO, 2015), mas também se encontra com borrifador, extintor de incêndio, *sticker*² etc. (LOPES, 2020).

Desdobram-se em assinaturas/marcações de indivíduos e/ou grupos (pixação)³, grafites e artes de rua, manifestações políticas e/ou ideológicas, propagandas, marcações aleatórias ou formas de músicas, versos, poemas, poesias ou frases motivacionais (*Ibid.*).

Dentre os territórios que os pichadores utilizam (bairro de origem, principal via de acesso ao bairro de origem e/ou à região deste bairro de origem, grande eixo viário, grande centro e território alheio e/ou inimigo), o grande eixo viário denota-se por ser um local com significativa visibilidade e, portanto, maior dificuldade de execução das pichações (ISNARDIS, 1997). Assim, são consideravelmente visados por estes atores. Deste modo, as vias que concentram as pendularidades são importantes alvos.

Portanto, aqui se busca trazer as mesclas destes dois fenômenos (movimentos populacionais e culturais). Em Lopes (2020; 2023) e Lopes e Diniz (2023) foram demonstrados como a pichação é e pode ser considerada uma evidência alternativa como indicador da metropolização, pois a primeira alimenta a segunda (os pichadores são um dos tipos de metropolização simbólica), e, a segunda inspira a primeira (os pichadores estão nos locais que

¹ Em português, alcunhado como estêncil, é uma técnica usada para aplicar formas em qualquer superfície, através de tintas e de uma prancha cortada, rasgada ou perfurada, tendo o preenchimento das fôrmas vazado, sendo por onde passará a tinta.

² Em português significa figurinha/adesivo, consiste na colação deste.

³ Pichação é toda e qualquer marcação nas paredes. Já pixação é uma forma específica de marcar as paredes, de modo geralmente ilegível, que são disputas territoriais, sendo um estilo de vida. A segunda grafia é uma forma de separar eles da generalização do primeiro grupo (LOPES, 2020).

mais ocorrem trocas e movimentos entre os municípios, além de compartilharem padrões, indivíduos e grupos). Dessa forma, a pichação possibilita entender processos e formas urbanas (no caso, a pendularidade), sendo ela um produto dos agentes no/do espaço urbano. Tendo isto em questão, aqui se busca trazer a pichação como uma evidência alternativa e como indicador do movimento pendular.

Em vista disso, o objetivo abarcado é de analisar o deslocamento espacial dos pichadores que operam nos principais corredores de ligação entre Belo Horizonte, Contagem, Ribeirão das Neves, Ibirité e Nova Lima, que foram destacados pela pendularidade, buscando evidências alternativas sobre este processo.

A justificativa parte-se de que a cidade está permeada de dimensões culturais, mas é pouco abordada nas relações intermunicipais no contexto de uma RM. Os estudos sobre integração municipal são baseados exclusivamente em dados de pendularidade de trabalho e estudo, com focos nos censos demográficos e nas pesquisas de Origem-Destino (O-D) que apenas destacam estas duas dimensões, neste sentido, não sabemos como as pessoas circulam na prática das diversões, dos lazeres, das manifestações culturais, das ousadias e disposição⁴. Além disto, algumas pesquisas demonstram o fator cultural, mas sem relacioná-lo com a pendularidade. Some-se a isso que a correlação entre a pesquisa O-D e dados empíricos torna-se profícua para a relação entre dados sociais e culturais, dando visibilidade ao grupo que é excluído injustamente⁵.

O artigo está dividido em 5 (cinco) seções, além da introdução, tem-se a seção 1 (um), que traz a discussão sobre os municípios e suas trocas, tanto materiais quanto imateriais, com foco nos movimentos pendulares; a seção 2 (dois) discorre sobre a pichação como manifestação cultural e suas marcações; a seção de número 3 (três) aborda a metodologia utilizada, pautada na coleta de dados; a seção 4 (quatro) foca-se na análise dos dados, trazendo a pichação como uma das evidências da pendularidade; e na última seção destaca-se as considerações finais.

⁴ É comum no linguajar dos praticantes o uso das palavras ousadia (no sentido de audácia, de coragem) e disposição (como pessoa disposta a fazer algo).

⁵ Esta é a forma que este grupo cultural encontrou para exigir o seu direito à cidade, à cultura e à utilização e à vivência da cidade, ou seja, é a luta contra a hegemonia. É o grito (e a grafia) dos excluídos.

2 OS MUNICÍPIOS E SUAS TROCAS MATERIAIS E IMATERIAIS

Os municípios que possuem destaque na hierarquia (no caso aqui, a metrópole), convergem e divergem diversos fluxos, sendo lugar da congregação destes. Castells (1999) discute sobre o “espaço de fluxos”, que seria a proximidade física do território, pelo fato de sua unicidade, seja pela proximidade, pela acessibilidade ou pelas relações.

A metrópole depende destes espaços para manutenção de suas dimensões, buscando fazer trocas com suas adjacências para atender necessidades, já que ela singularmente não consegue atender a todo tipo de demanda (sua população, seus desejos, seus interesses e suas influências). Porém, a acessibilidade é muitas vezes debilitada, pelo fato das infraestruturas ruins e das desigualdades, como estradas construídas de formas errôneas, transporte coletivo precário (SOUZA, 2015), publicidade e marketing cada vez mais acentuados na aquisição de meios de transportes privados. Atualmente, o cenário continua caótico, estimulados pelo aparecimento de aplicativos de transportes (com aumento de qualidade e diminuição dos preços), que fazem com que a acessibilidade, que tinha condições favoráveis crescentes, decresça cada vez mais.

As RMs têm grande papel nestas trocas. Estas seriam uma forma de agrupamento de municípios limítrofes, não podendo haver discontinuidades, que tenham uma expressão nacional destacada, tendo elevada densidade demográfica, conurbação e funções urbanas e regionais compartilhadas com algum grau de diversidade, especialização e integração socioeconômica, tendo em vista os diversos níveis de integração e relação entre os constituintes (CARMO; FALCOSKI, 2005). Estas são “a área ampliada de vida local caracterizada por alta densidade de movimento pendular – que passa a ser o principal indicador do espaço de atividade da comunidade.” (MOURA; BRANCO; FIRKOWSKI, 2005, p. 122).

O movimento/deslocamento pendular ou *commuting* pode ser considerado a “dinâmica que envolve um deslocamento diário e que, portanto, não implica transferência para ou fixação definitiva em outro lugar” (*Ibid*, p. 123). Eles “são aqueles movimentos que se realizam para executar as atividades cotidianas e não envolvem mudança de residência.” (SOUZA, 2015, p. 187). São comumente realizados duas vezes por dia, sendo as pessoas que o fazem conhecidas como migrantes urbanos, migrantes diários ou *commuters* (BEAUJEU-GARNIER,

1980). Deste modo, modificam provisoriamente o volume populacional do município, aumentando ou diminuindo seu tamanho, dependendo das características de cada área (LOBO, 2017).

Estes decorrem da “[...] dissociação entre os locais de residência e de trabalho, estudo, consumo, lazer etc. e expressam, não só a integração urbana [...], mas também a assimetria entre municípios de determinada região.” (SOUZA, 2015, p. 187). Tais municípios seriam limítrofes ou próximos, gerando em mobilidades curtas, mas que podem ser agravadas pelas condições levantadas anteriormente.

Os movimentos pendulares têm sua correlação aos “espaços de fluxos” (CASTELLS, 1999). Isto acarreta na mobilidade/movimentação, uma vez que os fixos estão espalhados pelo território e de forma mais abundante nas centralidades e os fluxos os atendem, o que dinamiza as correntes da área, fazendo com que seja um movimento contínuo e cotidiano (SANTOS, 2006). Deste modo, por ser onde mais as pessoas estão/estarão localizadas e deslocando, será onde mais terá/terão a localização, deslocamento e visibilidade das manifestações culturais. E como a pichação foca na visibilidade, na ousadia, no risco e na notoriedade, também estará nestes.

2.1 UMA DESSAS TROCAS MATERIAIS E IMATERIAIS É A PICHAÇÃO

Para Nascimento (2015) a pichação é como uma forma de manifestação humana e cultural entrelaçada por elementos culturais, sociais, econômicos, contextuais, históricos, políticos e artísticos. Portanto, ela não é isenta de manipulações e intenções.

A pichação pode ser considerada como uma sub-cultura, apresentando-se de forma material (a escrita na parede e nas paisagens) e imaterial (todo jogo de cultura, poder, território e territorialidades impregnados nela). Está presente em grande medida nos muros e prédios dos centros urbanos, apresentando-se como uma letra geralmente ilegível para os não praticantes e com uma estética marginal⁶ (*Ibid.*). São realizados, sobretudo, por jovens da periferia, utilizando-as como forma de apropriação simbólica e abstrata das cidades, aflorando os seus sentidos de pertencimento específicos (FILARDO, 2015).

Os pichadores, buscando a visibilidade, a notoriedade, a identidade, o reconhecimento e a fama, apropriam-se de locais com fluxos (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008). Avenidas,

⁶ Marginal como à margem da sociedade e das leis (como atributo), e, não no seu sentido preconceituoso, perverso e pejorativo (como adjetivo negativo).

ruas, vias, eixos viários, rodovias, vias expressas, obras viárias de alto fluxos, ou seja, corredores de tráfegos intensos, são um dos alvos principais.

“A pichação pode parecer desordenada à primeira vista, mas é uma atividade que segue uma certa lógica (*sic*) [...]” (FILARDO, 2015, p. 12), assim como a cidade parece, tendo o seu caos aflorado, mas ordenado. Deste modo, deixar sua marca rapidamente para não ser surpreendido pelas forças de segurança públicas ou privadas e outros transeuntes são apreços das culturas juvenis, que cultuam afeições acerca da velocidade e alteração. Assim como a cidade se manifesta o seu caos aflorado pelo constante movimento e mobilidade.

Deste modo, estes atores (re)modificam a paisagem constantemente. Ela é resultado de disputas, das mais variadas ordens de apropriação, seja material ou imaterial. Portanto, os grupos sociais apropriam-se destas a partir de seus diversos usos, desejos, gostos, expectativas, ações, ataques, contra-ataques, contra-usos etc.

Nota-se assim, que há uma disputa e uma inter-relação entre estes e outros agentes que modificam a cidade, sendo entrelaçados das características do poder em todas estas ações. A partir desta afirmação, tem-se que todos os grupos sociais e culturais (re)produzem territórios e territorialidades, e, estes se (re)produzem mutuamente, como forma de contra-ataque às hegemonias. Perante os pichadores, as diversas partes da cidade, sendo sua parte pública ou privada e seus inúmeros adereços, são transformadas em territórios e territorialidades, que são (de)marcadas por eles com seus materiais com tintas e suas letras e caligrafias específicas (DINIZ; FERREIRA; ALCÂNTARA, 2015).

Este território criado pelos grupos é ao mesmo tempo funcional e simbólico, perpassando e utilizando estes diversos poderes de inúmeros agentes. A dimensão funcional relaciona-se à utilização dos recursos. Já a dimensão simbólica encontra-se pautada pela identidade, pela alteridade, pelo pertencimento, pelas culturas e pelas manifestações. Porém, ressalta-se que ambos não existem separadamente (HAESBAERT, 2004).

O território, a partir de sua manifestação de poder, exerce trabalho, energia, focando as necessidades dos indivíduos. Segundo Raffestin (2009), os diferentes territórios seriam o do cotidiano (feito no dia a dia), das trocas (circulações de mercadorias), de referência (material e imaterial, histórico e imaginário, subjetivo – individual ou coletivo) e o sagrado (religião e política); ao qual a pichação participa de todos.

Assim, os indivíduos começam a territorializar esta porção do espaço. Trata-se de “um processo que envolve o exercício de relações de poder e a projeção dessas relações no

espaço” (SOUZA, 2009, p. 60) e também “um campo de forças, uma dimensão do espaço social que apresenta tanto aspectos intangíveis quanto palpáveis” (DINIZ; FERREIRA; LACERDA, 2017, p. 593). “Territorializar significa, enfim, criar mediações espaciais que proporcionam poder (multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de dominação e/ou de apropriação) sobre a reprodução dos indivíduos e grupos sociais.” (TOUNICCI FILHO, 2013, p. 47).

A territorialização seria o processo em si dado da criação de identidades e afetos com os lugares; há uma constante produção e apropriação. Dessa maneira, cria-se a territorialidade. Segundo Raffestin (2009), esta se daria por forma de apropriações de formas concretas ou simbólicas específicas de um determinado território, projetando os primeiros sobre o segundo. A partir disto, um grupo se sente pertencente ou parte de uma fração/peça do território, uma vez que ressignifica a paisagem ali presente, dando características intrínsecas as suas formas e/ou manifestações.

Entre os territórios “[...] há interfaces e sobreposições em virtude da complexidade de relações que efetivamos todos os dias, ou seja, das múltiplas atividades e territorialidades [...]”. Entre as territorialidades, estas “[...] geram as identidades que, por sua vez, influenciam nas próprias territorialidades e na formação dos territórios e seus patrimônios.” (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 10).

Inspirados com estas perspectivas ter-se-á discussão sobre a metodologia abarcada para obtenção dos dados e a consecutiva análise da intensa disputa territorial pelos corredores que sobressaíram pela pendularidade na RMBH. Destacam-se as provocações e o exercício material e simbólico de territórios e territorialidades dos pichadores, pautando a evidência e indicação da pendularidade.

3 METODOLOGIA

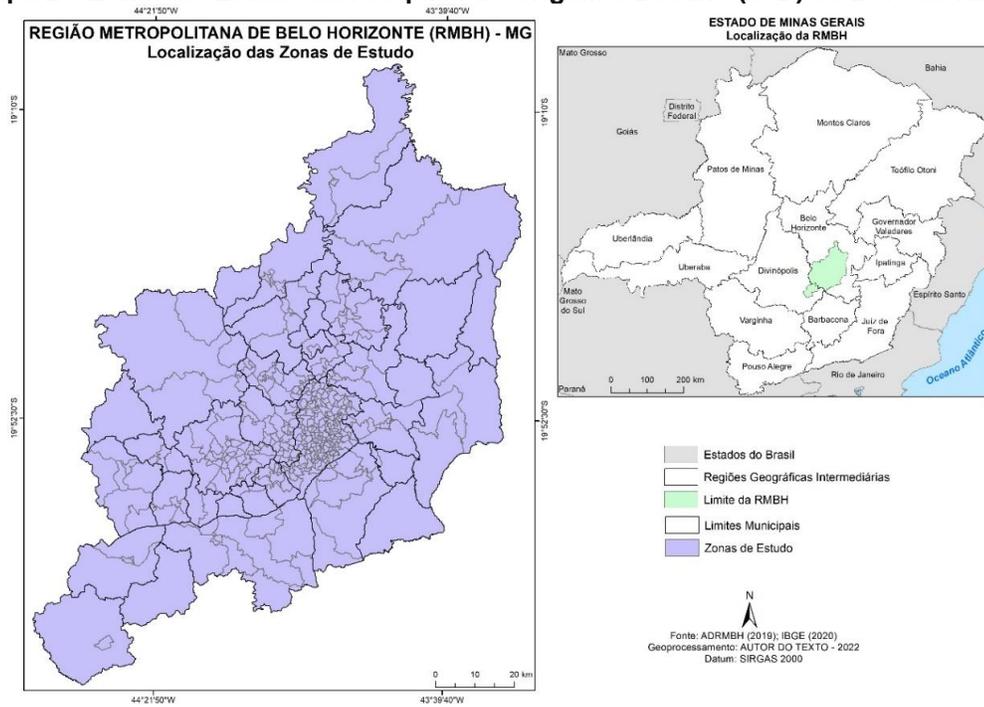
A metodologia baseia-se em Diniz e outros (2015; 2017; 2019; 2024) e Lopes (2020; 2024), além da sua atualização, com a coleta de dados primários. Os dados primários, acerca da pichação, foram coletados com auxílio da plataforma Google Maps®, que não consta nos autores, sendo a referida atualização. Os dados secundários sobre a integração foram utilizados de Diniz e Andrade (2015); acerca da população estimada, foram extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Economia (IBGE) (2021); a respeito das vias, foram selecionadas do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) (2019); e no

tocante à pendularidade foram coletados pela O-D de 2019 da Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (ADRMBH) (2019).

Primeiramente foram definidos os moldes e os recortes a serem trabalhados. Tendo em vista que a pandemia da *Covid Virus Disease* 2019 (COVID-19, ou, Novo Coronavírus, SARS-COV-2, 2019-NCOV) alterou a dinâmica de deslocamento, os dados da pesquisa O-D utilizados foram de 2019, para evitar interferências. Deste modo, para acompanhar o recorte e tendo em vista que a pandemia também alterou o comportamento dos pichadores, as imagens na plataforma foram escolhidas igualmente do ano de 2019 (salvo apenas algumas pequenas partes em que havia *frames* que eram de 2020, não causando grandes distorções ou interferências).

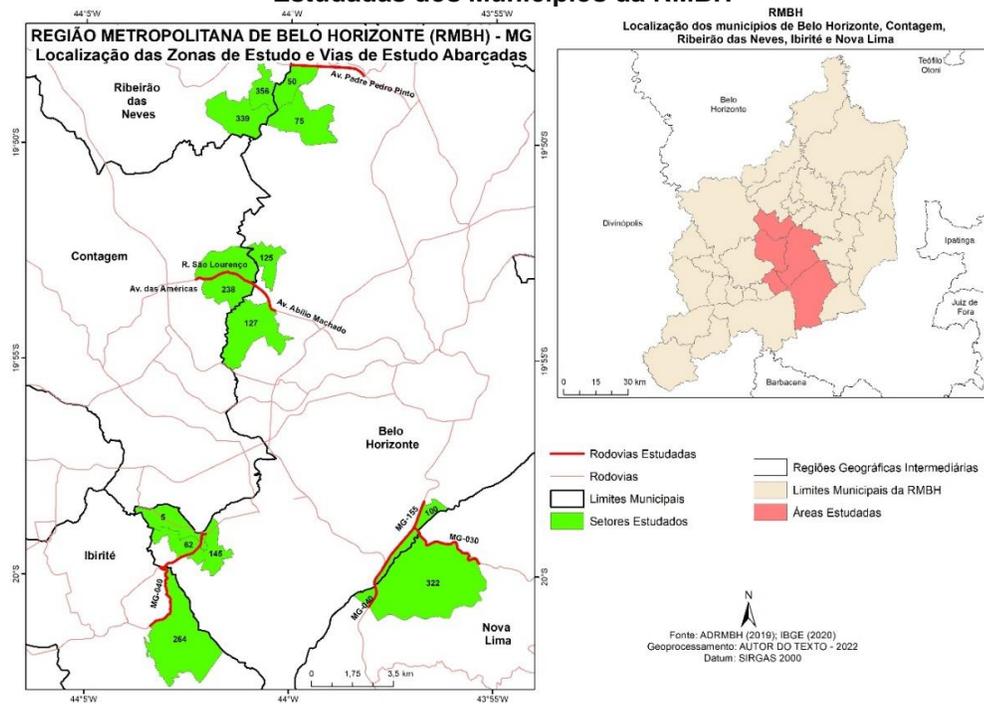
Os dados coletados da pesquisa O-D foram produzidos com base em dados de telefonia móvel. Buscando uma generalização, a ADRMBH utilizou o mês de novembro de 2019 como referência. Os dados estão distribuídos pelas chamadas zonas de estudo, que, com base nos setores censitários, nas áreas homogêneas e nas zonas de tráfego, criaram-se áreas maiores com certa homogeneidade no perfil sociodemográfico e no uso e ocupação do solo. Há no total 393 zonas (Mapa 2), mas foram selecionadas apenas as que mais recebem (como destino) pessoas em Belo Horizonte e as que mais saem (como origem) as pessoas da RMBH, coincidindo com os municípios de Contagem, Ribeirão das Neves, Ibitaré e Nova Lima. Assim, foram destacadas as principais vias que passam por estas áreas para o estudo (mapa 3).

Mapa 2 – Zonas de Estudo da Pesquisa de Origem e Destino (O-D) de 2019 da RMBH



Fonte: ADRMBH (2019); IBGE (2020).

Mapa 3 –Zonas de Estudo da Pesquisa de Origem e Destino (O-D) de 2019 e das Rodovias Estudadas dos Municípios da RMBH



Fonte: ADRMBH (2019); IBGE (2020).

Desta maneira, as zonas de estudo levantadas foram as de número 125, 127 e 238, que são perpassadas pelos eixos da Avenida (Av.) Abílio Machado, da Av. das Américas e da Rua (R.) São Lourenço, entre Belo Horizonte e Contagem; as de número 50, 75, 339 e 356, que são cortadas pela via da Av. Padre Pedro Pinto, entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves; as de número 5, 62, 145 e 264, que são atravessadas pelo corredor da MG-040, entre Belo Horizonte e Ibité; e as de número 100 e 322, que são percorridas pelas rodovias da BR-040, MG-030 e MG-155, entre Belo Horizonte e Nova Lima.

Após isto, na coleta dos dados de pichação, na plataforma referida do Google Maps®, utilizando o *Street View* (Visão da/de Rua ou Boneco da/de Rua), foram percorridas toda a extensão destas, deslocando em uma única direção ao longo desses eixos, por vez.

Após a identificação, sobre cada pichação foram anotados elementos como natureza, se localiza em esquina ou não, tipo de edificação, local na edificação, posição na edificação, tipo de pichação, material utilizado, se tem sobreposição e se está acompanhada ou não de grupos e em caso positivo, qual é o grupo, e por fim, suas coordenadas. Concomitantemente foi criado um banco de dados digital alfanumérico com estas informações no Excel®, a partir do qual posteriormente foram elaboradas as estatísticas e as tabelas.

Subsequentemente, estes dados foram exportados para ambiente ArcGIS® e QGIS® para o tratamento e a elaboração de mapa coroplético. E, finalizando, foram elaboradas suas análises. Note-se, que como destacado anteriormente, as áreas de maiores relações sociais serão espelhadas e expressadas pelas áreas com concentrações de manifestações culturais.

4 PICHÇÃO COMO UMA DAS EVIDÊNCIAS DA PENDULARIDADE

No contexto da RMBH, devido ao seu fator histórico, a região desenvolveu-se a partir de Vetores de Expansão⁷, tendo sempre como origem a metrópole mineira (DINIZ; ANDRADE, 2015), apesar de que em uma escala intramunicipal, os comportamentos podem variar. O primeiro, Vetor Oeste, se deu na década de 1940, inspirado pela industrialização, sendo que Contagem destaca-se, considerado a extensão do próprio polo metropolitano, tendo muito alta integração com a metrópole. Ibité está neste contexto, porém, com menores relações e hierarquia, mesmo tendo muito alta integração.

⁷ Vetores de Expansão denotam origem, direção, sentido, destino, intensidade e ordem, no processo de “construção” da RMBH. (DINIZ; ANDRADE, 2015).

O segundo vetor ocorreu logo após o primeiro, sendo o Vetor Norte Central, a partir dos anos de 1950, pelo fato da construção em Belo Horizonte do Complexo Turístico e de Lazer da Pampulha (Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – desde 2016), da Av. Presidente Antônio Carlos, do campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1963 e do Estádio Magalhães Pinto (Mineirão) em 1965. Ganha-se destaque Ribeirão das Neves, atendendo os trabalhadores e os moradores envolvidos nessas construções, específica na função de município-dormitório e com muito alta integração.

Dando um salto para a década de 1990, é a vez do Vetor Sul (quarto setor na ordem cronológica dos autores), que se configura como concentração dos setores de renda média-alta e alta (atualmente há a ocupação em áreas vulneráveis de classes de renda baixas), sendo que o setor imobiliário é fortemente presente, principalmente com condomínios de alto luxo, além de bens, de atividades, de comércios e de serviços sofisticados e de mineração. Possui o foco principalmente no município de Nova Lima, que tem a integração muito alta.

Seguindo assim os autores supracitados, com a hierarquia dos municípios, utilizando seus padrões de integração (todos estes com o nível muito alto) e seus históricos, destacam-se na ordem: Belo Horizonte, Contagem, Ribeirão das Neves, Ibirité e Nova Lima.

Atrelado a suas dinâmicas, no parâmetro de população, nota-se uma continuidade pela atratividade destes municípios. De acordo com a população estimada para 2021, Belo Horizonte encontra-se com 2.530.701 habitantes, Contagem com 673.849, Ribeirão das Neves com 341.415, Ibirité com 184.030 e Nova Lima com 97.378 (IBGE, 2021).

Deste modo, há um maior deslocamento da população e conseqüentemente uma maior visibilidade por e para essa população. Mas cabe ressaltar que não é somente a quantidade de população que aumenta a visibilidade, mas também a hierarquia, a funcionalidade, o nível de relação, a integração e a pendularidade entre as áreas que esta população vive o seu cotidiano (LOPES; DINIZ, 2022).

No quesito de vias importantes para o acesso, tem-se a semelhança. Estas se correlacionam com o nível de integração e movimento dentre os municípios, para atender as demandas econômicas, de população, culturais, dentre outras. Assim, de acordo com o DNIT (2019), há uma quantidade de 11 (onze) vias importantes em Belo Horizonte (3 BRs, 5 MGs e 3 locais), 7 (sete) em Contagem (3 BRs, 2 MGs e 2 locais), 4 (quatro) em Ribeirão das Neves (1 BR, 2 MGs e 1 local), 3 (três) em Ibirité (3 MGs) e 2 (dois) em Nova Lima (2 MGs) (tabela 1).

Tabela 1 – Comparação dos dados de integração, população e vias

Municípios/Dados	Nível de Integração	População	Quantidade de vias
Belo Horizonte	Polo (1º)	2.530.701 (66,1%)	11 (40,7%)
Contagem	Extensão do polo (2º)	673.849 (17,6%)	7 (25,9%)
Ribeirão das Neves	Muito alta (3º)	341.415 (8,9%)	4 (14,9%)
Ibirité	Muito alta (4º)	184.030 (4,8%)	3 (11,1%)
Nova Lima	Muito alta (5º)	97.378 (2,6%)	2 (7,4%)

Fonte: DINIZ; ANDRADE (2015); DNIT (2019); IBGE

No fator levantado das pendularidades da O-D de 2019 (ADRMBH, 2019), o reflexo tende a continuar. Iniciando pela metrópole para as adjacências, de Belo Horizonte para Contagem, ocorreram 2.860.888 viagens, envolvendo 1.938.719 de população igual ou maior de 18 anos, com uma média de 441.849,21 viagens por dia; de Belo Horizonte para Ribeirão das Neves, teve-se 1.213.702 viagens, abrangendo 1.938.127 de população, com 201.208,04 viagens; de Belo Horizonte para Ibirité, houve 726.689 viagens, abarcando 1.934.056 de população, com 111.890,64 viagens; e por fim, de Belo Horizonte para Nova Lima, tiveram-se 541.797 viagens, alcançando 1.931.518 de população, com 76.537,60 viagens.

Das adjacências para a metrópole temos, de Contagem para Belo Horizonte, o número de 2.881.080 viagens, com 491.776 de população, com 441.561,69 viagens; de Ribeirão das Neves para Belo Horizonte, obteve-se 1.125.907 viagens, movimentando 230.328 de população, com 189.994,18 viagens; de Ibirité para Belo Horizonte, ocorreram 695.323 viagens, relacionando-se 122.691 de população, com 107.841,55 viagens; e finalizando, de Nova Lima para Belo Horizonte, foram 611.255 viagens, notando-se 71.576 de população, com 81.607,73 viagens (tabela 2).

Assim, nota-se a convergência destas informações com os dados levantados por Leiva (2015) e Souza (2015), pois, de acordo com os autores, os movimentos pendulares nas últimas décadas aumentaram mais em relação a Belo Horizonte do que à RMBH.

Tabela 2 – Comparação dos dados de quantidade de viagens, pichação e grupos

Municípios/Dados	Quantidade de viagens	Quantidade de pichações	Quantidade de grupos de pichação
Belo Horizonte - Contagem	2.860.888 (53,6%)	791 (34,5%)	118 (34,1%)
Belo Horizonte - Ribeirão das Neves	1.213.702 (22,7%)	630 (27,6%)	97 (27,9%)
Belo Horizonte - Ibirité	726.689 (13,6%)	563 (24,5%)	90 (25,9%)
Belo Horizonte - Nova Lima	541.797 (10,1%)	306 (13,4%)	42 (12,1%)

Fonte: ADRMBH (2019); DADOS DA PESQUISA (2019).

Destacando-se do ponto de vista das manifestações culturais, levanta-se a correlação da pichação acompanhar estes movimentos, principalmente das pendularidades. Sobre a quantidade de pichações encontradas nas áreas de estudo, encontrou-se na ligação de Belo Horizonte e Contagem 791 pichações no total, entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves foi 630 pichações, entre Belo Horizonte e Ibirité teve-se 563 pichações e entre Belo Horizonte e Nova Lima soma-se 306 pichações.

Não se sabe a quantidade total de pichações em cada cidade, mas a título de exemplificação e comparação, Lopes (2020) estudaram importantes áreas de alguns destes municípios: no Hipercentro de Belo Horizonte levantou-se 3.245 pichações, no bairro Eldorado em Contagem foram 1.259 pichações e no bairro Esperança, na região do Justinópolis, em Ribeirão das Neves, foram 815 pichações no total. Em Lopes (2023), na Av. Amazonas (entre Belo Horizonte e Contagem) teve-se 4.933 pichações, na Av. Presidente Antônio Carlos (entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves) com 3.900 pichações e na BR-040 (entre Belo Horizonte, Contagem e Ribeirão das Neves) com 2.409 pichações.

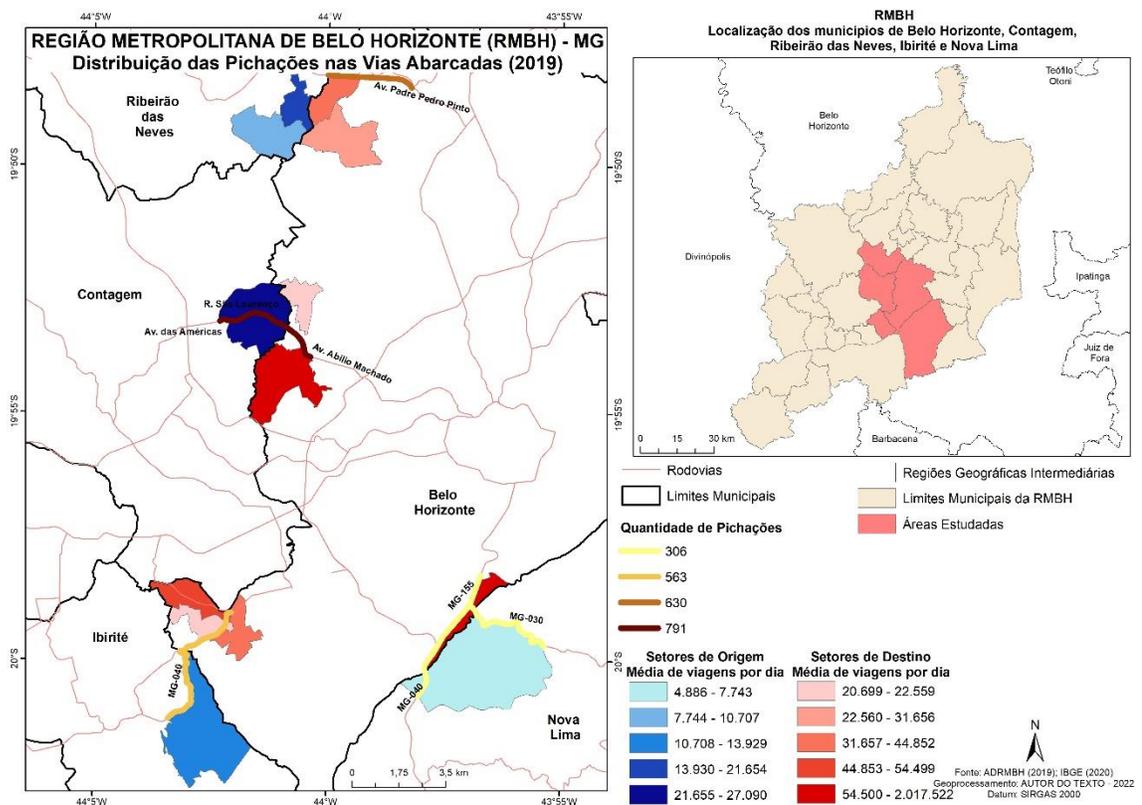
O mapa abaixo (mapa 4) demonstra a relação que há entre o número das pichações e a quantidade média de viagens por dia entre os setores de estudo. Assim, onde se encontram os setores com maiores números de origem e de destino de média de viagens por dia, maior será a quantidade de pichações. Quanto menor a movimentação entre eles, menor o total de pichações. Tal fato pode ser explicado por estes movimentos concentrarem-se nas áreas de maiores atendimentos das demandas e necessidades destas populações, abarcando o constante movimento e visibilidade.

Desta maneira, entre Belo Horizonte e Contagem há 2 (dois) setores com maiores resultados e a maior quantidade de pichação, encabeçando a lista; entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves tem 1 (um) setor com maiores resultados e 3 (três) com resultados medianos, ficando em segundo lugar nas quantidades; entre Belo Horizonte e Ibirité nota-se 4 (quatro) setores com dados medianos e a pichação também mediana, localizando-se em

terceiro lugar; e entre Belo Horizonte e Nova Lima teve-se 1 (um) setor com maior quantidade e 1 (um) com menor e a pichação em menor quantidade, posicionando em quarto lugar. Todos estes dados estão correlacionados com a integração e a importância destas vias abarcadas.

Como o foco e a intenção das marcações é a visibilidade, notoriedade, ousadia e riscos (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008), tais atributos são facilmente alcançados nas áreas onde se têm maiores deslocamentos, movimentos e a presença de transeuntes e veículos, além da convergência de comércios e serviços, abrangendo seus objetivos. Lopes (2020; 2023) demonstra que os pichadores se encontram predominantemente em áreas de fluxos, principalmente de transeuntes e de ônibus (comumente utilizado pelos praticantes) e com concentração de comércios e serviços. Note-se assim, que as áreas abarcadas aqui também convergem para estas características.

Mapa 4 – Distribuição das Pichações nas Vias Abarcadas no ano de 2019 na RMBH - MG



Fonte: ADRMBH (2019); IBGE (2020).

Some-se a isso, aos dados dos grupos de pichadores, sendo outro reflexo reforçando os argumentos. Entre Belo Horizonte e Contagem foram encontrados 118 grupos no total, ao passo de que 64 grupos são de Belo Horizonte, 47 grupos de Contagem, 4 grifes⁸ de Belo Horizonte, 2 grifes de São Paulo e 1 grife de Contagem. Entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves destaca-se 97 grupos no total, sendo que 72 são de Belo Horizonte, 13 são de Ribeirão das Neves, 7 de Contagem, 3 grifes de Belo Horizonte, 1 grife de São Paulo e 1 grife de Ribeirão das Neves.

Entre Belo Horizonte e Ibirité levanta-se 90 grupos no total, aos quais 70 são de Belo Horizonte, 10 são de Ibirité, 9 de Contagem, 4 grifes de Belo Horizonte, 2 de São Paulo e 1 de Contagem. Entre Belo Horizonte e Nova Lima demonstra-se 42 grupos no total, em que 28 são de Belo Horizonte, 5 de Nova Lima, 2 de Contagem, 3 grifes de Belo Horizonte, 2 de São Paulo, 1 de Contagem e 1 grupo de Curitiba.

O que denota atenção é o fato de além da quantidade total de grupos refletir a hierarquia (física ou simbólica), estes também convergem para a pendularidade (física ou simbólica). Todas as vias encontram-se grupos e indivíduos de Belo Horizonte (metrópole) e Contagem (extensão da metrópole), muitas vezes ultrapassando a quantidade de grupos do próprio município em questão, demonstrando a força que estes dois detêm, também no quesito simbólico. Além disso, demonstra a movimentação pendular que os praticantes realizam como transeuntes ou como pichadores.

Um fato que é excepcional é o grupo de Curitiba, que provavelmente estava de passagem por algum motivo e deixou sua marca, numa clara evidência de onipresença e onipotência. Tal marcação foi encontrada na BR-381, importante eixo de ligação entre Belo Horizonte, São Paulo e a Grande Região Sul do país (DINIZ; ANDRADE, 2015).

Não se sabe a quantidade total de grupos de cada cidade, mas novamente a título de exemplificação e comparação, Lopes (2022) destacou: no Hipercentro foram encontrados 235 grupos, no bairro Eldorado foram encontrados 114 grupos e no Esperança foram encontrados 44 grupos atuando no geral. No qual, 214 são grupos belo-horizontinos, 8 são grifes belo-horizontinas, 70 são grupos contagenses, 2 são grifes contagenses, 32 são grupos nevenses, 2 são grifes nevenses, 2 são grupos sabaraenses, 2 são grupos betinenses, 2 são grupos luzienses e 4 são grifes paulistas.

⁸ Grifes são os grupos maiores, mais importantes e influentes, que reúnem os pichadores e os grupos mais ousados, importantes e influentes da região (LOPES, 2020).

Já Lopes (2023) ponderou: na Av. Amazonas foram destacados 350 grupos, na Av. Antônio Calos tendo-se 234 grupos e na BR-040 tendo-se 190 grupos atuando no geral. No qual, tem-se 318 grupos belo-horizontinos, 14 grifes belo-horizontinas, 102 grupos contagenses, 8 grifes contagenses, 49 grupos nevenses, 1 grife nevense, 2 grupos betinenses, 2 grupos esmeraldenses, 2 grupos ibiritenenses, 2 grupos luzienses, 2 grupos sabaraenses, 1 grupo paulista, 4 grifes paulistas e 1 grife internacional (com gênese europeia).

Focando-se aqui em correlacionar os dados, a forma como a pichação apresenta-se também demonstra as pendularidades, pois a dispersão de hábitos, de padrões, de práticas e de valores culturais (principalmente urbanos e metropolitanos) permeiam tais movimentos. A pichação iniciou na RMBH em Belo Horizonte, na década de 1980 (DINIZ; FERREIRA; ALCÂNTARA, 2015). Posteriormente, seguindo estas influências das dinâmicas na região, passou a ser presente nos outros municípios (LOPES, 2023). Em todas as áreas, destacam-se as pichações de marcação (94,5%), sendo pelo fato de que o foco destas são as marcações e as disputas territoriais entre os indivíduos e principalmente entre os grupos. Sobre as posições nas ruas das marcações, a maioria (81,7%) foi vista em posições que não eram esquinas das ruas (importantes alvos), pelo fato de haver poucos cruzamentos entre vias importantes nas áreas de estudo.

A predominância no local da pichação é para as edificações (93,7%), tendo em vista que são os maiores (em altitudes e em quantidades) compostos das cidades em geral. Sobre os tipos de edificações, sobressaíram-se as edificações comerciais (40,0%) e residenciais (37,1%), tendo-se que estas rodovias são áreas mistas e de fácil acesso, o que é uma característica procurada por tais funções, seus locadores, seus utilizadores e seus pichadores. Já sobre o local da edificação que foi marcado, têm-se os muros com maior aparecimento (78,1%), por ser a parte mais externa das edificações, sendo mais fácil de marcar e é encontrado com superfícies porosas, de fácil fixação das tintas.

A altura encontrada na edificação denota-se os fatos de terem os maiores números a altura do nível do olhar (80,2%), por ser a altura mais fácil de marcar, por ter menos riscos de ser pego ou de evitar escalar e/ou invadir as edificações. O material empregado para fazer as pichações temos o foco no spray aerossol (76,5%), por ser também o material de mais fácil utilização e de esconder ou dissimular, caso for preciso.

Sobre o estilo da pichação, aparece mais a pichação mineira (64,8%) e paulista (19,9%), pois a primeira destaca pelo fato das características de identidades locais e a segunda, pelo

fato de ser o tipo mais influente do país, denotando força em todos os estados (e também mundialmente). E por fim, no quesito superposição das marcações, temos o foco em sem sobreposições (94,8%), o que demonstra uma maior busca pelo bem comum da prática, já que marcar uma pichação em cima de outra é uma clara situação de conflitos (sendo chamado de “atropelo”, resultando em contra-ataques, retaliações e quando as partes não chegam as vias de fato). Note-se a semelhança dos dados, o que aponta para trocas entre os municípios, evidenciando outra vez as pendularidades.

Todos estes dados levantados anteriormente também convergem para a pesquisa de Diniz e outros (2015; 2017; 2019; 2024), de Lopes (2020; 2023) e de Lopes e Diniz (2022)⁹. Assim, há uma continuidade e uma tendência dos dados ao passar dos anos e das áreas.

Desta forma, nota-se que a influência das áreas principais se alastra para suas adjacências, tendo o acompanhamento e as reverberações dos quesitos sociais e materiais pelos culturais e imateriais (e vice-versa). De tal maneira, as pichações pautam-se nas hierarquias, nas integrações, nas dinâmicas, nas movimentações e nas pendularidades.

As áreas que desde o seu início têm relações diversas entre si, conseqüentemente integram-se mais e, assim, necessitam-se cada vez mais da complementariedade destas. Portanto, nesta mesma influência, convergem os maiores contingentes populacionais.

Neste aspecto, num primeiro momento com grande atração, os municípios principais não conseguem mais absorver toda esta demanda populacional, e, passam a repulsar estes para a sua intermediação. Não somente pessoas, mas também, atividades, comércios, serviços, bens, culturas, entre outros. Deste modo, acarreta na maior construção de infraestruturas, principalmente de vias, construindo aspecto, consciência e vida metropolitanos (MEYER, 2000).

Devido a isso, as vias passam a ser grandes palcos de imensos e intensos fluxos de todas gamas e dimensões. Com efeito, torna-se um ciclo, pois o aumento é mútuo entre estes (DINIZ; ANDRADE, 2015).

Acompanhando tais movimentos, já que são as áreas onde se terá maior deslocamento populacional (LEIVA, 2015; ADRMBH, 2019) e conseqüentemente maior concentração populacional (SOUZA, 2015), também será a área onde ocorrerá maiores manifestações culturais (LOPES, 2020). A pichação além de se apropriar disto, também se apropria do fato da visibilidade, da notoriedade e dos riscos causados por todos estes

¹¹ Os quatro primeiros estudos abarcam Belo Horizonte e os três outros abordam Belo Horizonte, Contagem e Ribeirão das Neves, em Minas Gerais.

movimentos. É percebido não somente no número de marcações, mas também no número de grupos e nas movimentações destes grupos pelas grandes vias de intensidade. Somando-se a isso as características gerais de como a pichação se apresenta, apoiando-se no mesmo nível de população, de integração, de interação e de movimentação. Deste modo são um dos atores que auxiliam a manter parte do movimento pendular e ainda os utilizam-no como inspiração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como os municípios não estão isolados e precisam das mais variadas relações (trocas em diversas dimensões) para se manterem, há diferentes níveis de proximidade, de acessibilidade, de mobilidade e de movimento entre eles, relacionando-se a partir dessas hierarquias. Em uma RM, esta integração é inevitável, já que há órgãos e leis específicos para esta área, além de serviços comuns. Desta maneira, um dado que mostra e indica o nível desta integração (que é um fato material e imaterial) são os movimentos pendulares (igualmente um fato material e imaterial).

Os movimentos pendulares concentram em certas localidades (vias) e temporalidades (hora de pico), tendo um grande número de pessoas se movimentando concomitantes. Assim, tem-se uma grande visibilidade, que pode influenciar ao passar dos anos no aumento de população, de vias, de integrações, de deslocamentos e afins. Assim, as culturas e as manifestações culturais (material e imaterial) também não de se aproveitarem disto.

As metrópoles, que comumente têm-se seu início por algum fator histórico, convergem atratividade por certo tempo, até que não conseguem absorverem mais e divergem isso para as suas vizinhanças. Divergindo todas dimensões possíveis, como as culturais. Contudo, elas continuam sendo o foco principal da região, mas não o único.

A pichação também acompanha estes movimentos. Como se busca a visibilidade, a notoriedade, a ousadia e os riscos, estará nas áreas onde movimentos são mais registrados. Deste modo, as áreas com maiores integrações, populações, quantidade de vias, deslocamentos e pendularidades, são onde têm-se mais pichações e grupos de pichadores. Além disto, por essas vias, que são grandes vetores de trocas e informações, as características das pichações no geral (hábitos, padrões, práticas e valores) serão também repassadas por elas, apresentando-se de forma semelhante. Destaca-se que o pichador faz o movimento pendular como estudante, trabalhador ou pessoa em busca de outros serviços e atividades, e,

também, o faz como um pichador, em busca do seu prazer, diversão e lazer proibidos. Desta maneira, são parte do movimento e também se inspiram nele, buscando as áreas em que mais ocorrem. E como a busca pela visibilidade é uma característica notória na prática, aqui optamos por generalizar e afirmar que pode ser aplicada a quaisquer contextos.

Portanto, as pichações e os grupos de pichadores demonstram a maior quantidade acompanhando a hierarquia de Belo Horizonte, Contagem, Ribeirão das Neves, Ibirité e Nova Lima. Já como essa se comporta, há a predominância em marcações de grupos, sem foco nas esquinas, nas edificações, nas edificações comerciais e residenciais, nos muros, na altura do nível do olhar, com spray aerossol, demarcados com a pichação mineira e paulista e sem sobreposições em todas as áreas de estudo aqui abarcadas.

Nota-se, também, que os pichadores estão mais presentes nas vias de maiores integrações e fluxos, principalmente pendulares, de transeuntes e ônibus, além das áreas com maiores quantidades de comércio e serviços e residências (mistas). Destaca-se, então, a possibilidade de utilização de um inovador e alternativo indicador de pendularidade: a pichação.

REFERÊNCIAS

ADRMBH – Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Pesquisa Origem e Destino**. 2019. Disponível em: <http://www.agenciarmbh.mg.gov.br/pesquisa-od/>. Acesso em: 6 nov. 2021.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia da população**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980. 441 p.

CARMO, S. de C; FALCOSKI, L. A. N. Um olhar sobre o planejamento e gestão metropolitanos: A Região Metropolitana da Baixada Santista. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, n. 14, p. 127-148, 2005. Disponível em: <http://cadernosmetropole.net/system/edicoes/arquivos/000/000/016/original/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 700 p.

CEARÁ, A. D. T.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 277-293, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41964>. Acesso em: 5 dez. 2021.

DINIZ, A. M. A.; ANDRADE, L. T. de. Metropolização e hierarquização das relações entre os municípios da RMBH. *In*: ANDRADE, L. T. de; MENDONÇA, J. G. de; DINIZ, A. M. A. (ed.).

Belo Horizonte: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte, MG: PUC - Minas, 2015. p. 120-144.

DINIZ, A. M. A.; FERREIRA, R. G. B.; ALCÂNTARA, S. A. Pichação, paisagem e território no hipercentro de Belo Horizonte. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 22, n. 30, p. 84-103, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/P.2316-1752.2015v22n30p84>. Acesso em: 6 nov. 2021.

DINIZ, A. M. A.; FERREIRA, R. G. B.; LACERDA, A. G. Territórios renitentes: os efeitos das políticas repressivas à pichação em Belo Horizonte (2011-2015). **Caderno de Geografia**, v. 27, n. 50, p. 589-616, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2017v27n50p589>. Acesso em: 6 nov. 2021.

DINIZ, A. M. A.; FERREIRA, R. G. B.; LACERDA, A. G. Territórios Verticais Grafismos Urbanos no hipercentro de Belo Horizonte. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 71, p. 85–103, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45174>. Acesso em: 6 nov. 2021.

DINIZ, A. M. A.; RIBEIRO, L. M. L.; LOPES, E. V. P.; LIBÓRIO, M. P. Pandemic, Routine Activities, and Graffiti in Belo Horizonte: Has Social Isolation Led to City Saturation?. **The Professional Geographer**, [S. l.], v. 76, n. 5, p. 662-674, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00330124.2024.2355185>. Acesso em: 1 jul. 2024.

DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. **Rodovias da RMBH**. 2019. Disponível em: <http://servicos.dnit.gov.br/vgeo/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

FILARDO, P. R. **A pichação (tags) em São Paulo:** dinâmicas dos agentes e do espaço. 2015. 84f. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-07032016-152052/pt-br.php>. Acesso: 5 jan. 2022.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, p. 1-20, set. de 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2022.

ISNARDIS, A. Pinturas rupestres urbanas. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 143–161, dez. 1997.

LEIVA, G. de C. Viagens intrametropolitanas casa-trabalho na RMBH. *In*: ANDRADE, L. T. de; MENDONÇA, J. G. de; DINIZ, A. M. A. (ed.). **Belo Horizonte:** transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte, MG: PUC - Minas, 2015. p. 215-234.

LOBO, C. *et al.* Mobilidade pendular e a integração metropolitana: uma proposta metodológica para os municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG – 2010. **Revista Brasileira de Estatística e População**, Belo Horizonte, v. 34, n. 2, p. 321-339, maio/ago. 2017. Disponível

em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n2/0102-3098-rbepop-34-02-00321.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

LOPES, E. V. P. **A METROPOLIZAÇÃO DA PICHANÇA**: evidências de Contagem e Ribeirão das Neves. 2020. Monografia (Graduação em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000076/000076e4.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

LOPES, E. V. P. **A METROPOLIZAÇÃO DA PICHANÇA**: evidências a partir dos eixos e corredores de ligação intrametropolitano. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (PPGG-TIE), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/Geografia_ErickViniciusPereiraLopes_30490_Textocompleto.pdf. Acesso em: 20 maio 2024.

LOPES, E. V. P.; DINIZ, A. M. A. Pichações Metropolitanas: o comportamento espacial dos grupos de pichadores na RMBH-MG. **E-metropolis**, Rio de Janeiro, a. 13, n. 49, 2022. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/379/original/emetropolis49_art2.pdf?1669125341. Acesso em: 20 maio 2024.

MEYER, R. M. M. Atributos da metrópole moderna. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 3-9, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392000000400002. Acesso em: 5 nov. 2021.

MOURA, R; BRANCO, M. L. G. C; FIRKOWSKI, O. L. C. de F. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 121-133, 2005. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2962/50370fd747fcc1910072afe9447ad27452df.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

NASCIMENTO, L. H. P. do. **Pichação, a arte por cima do muro**. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015. 74 p.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. *In*: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 17-36.

ROMANELLI, C; ABIKO, A. K. **Processo de Metropolização no Brasil**. Texto Técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil. São Paulo, n. 1, 1991. 34 p. Disponível em: http://www2.pcc.usp.br/files/text/publications/TT_00028.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**: tempo e técnica, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006. 260 p.

SAQUET, M. A; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7437>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SOUZA, J. de. Organização social do território e os movimentos pendulares na RMBH. *In*: ANDRADE, L. T. de; MENDONÇA, J. G. de; DINIZ, A. M. A. (ed.). **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte, MG: PUC - Minas, 2015. p. 178-212.

SOUZA, M. L. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. *In*: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 57-72.

TONUCCI FILHO, J. B. M. Espaço e território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica. **Revista Espinhaço**, v. 2, n. 1, p. 41-51, 2013. Disponível em: <http://www.revistaespinhaco.com/index.php/journal/article/view/16/15>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Recebido em 20/07/2023

Aprovado em 15/11/2024